

"Amar, odiar, ler"

"O que vê quem vê em seu tempo, o sorriso demente de seu século?"¹

Este trabalho surge de certas perguntas que nos atravessam há algum tempo em Trilce, em relação ao ódio, à crueldade e à violência, e que foram postas em jogo em nosso último encontro chamado "Não matarás". A escuridão e seus deuses".

Nos questionamos com que categorias pensar nos acontecimentos ocorridos mundialmente que certamente preocupam e desorientam, mas também nos perguntamos se devemos, como analistas, intervir em relação a eles e, se sim, como e quando fazê-lo. Com que termos e com que recursos intervimos? Como lemos esses acontecimentos? Com que categorias lemos nossa época? Temos a capacidade de lê-la contemporaneamente, sem nos deixarmos cegar pelas luzes de nosso século, como propõe Giorgio Agamben?

Para este autor, contemporâneo é aquele que mantém o olhar fixo em seu tempo, para perceber, não suas luzes, mas sua íntima escuridão, como algo que lhe diz respeito e não cessa de interpelá-lo. Contemporâneo, diz ele, "é aquele que recebe em pleno rosto o feixe de trevas que provém de seu tempo".²

Agamben esclarece que não se tratam de considerações atuais (enquanto atual sem história) aquelas que interpelam o contemporâneo, mas sim que "o contemporâneo quebra as vértebras de seu tempo, e é ali, nesse ponto de fratura, onde insiste em um presente sempre distante a íntima escuridão que persiste através da história. "O contemporâneo faz dessa fratura o lugar de um encontro entre tempos e gerações."³

Freud, hábil leitor de sua época e suas obscuridades, não deixa de estar surpreso com "a cegueira para o lógico que a guerra, como por arte de magia, produziu justamente em

¹ Agamben, Giorgio. ¿Qué es lo contemporáneo? Buenos Aires - Adriana Hidalgo editora.

² Ibid., Pag.22

³ Ibid., Pag 23

nossos melhores cidadãos". Estamos em 1915, pouco antes do início de uma guerra na qual estavam envolvidas as grandes potências industriais, culturais, mas também militares da época.

Lá, Freud diz: "Esperávamos, é verdade, que a grandiosa comunidade de interesses estabelecida pelo comércio e pela produção constituiria o começo de uma compulsão (de eticidade); no entanto, parece que nessa época os povos obedecem mais a suas paixões do que a seus interesses."⁴

Desiludido, ele termina este texto perguntando-se por que o ódio e o aborrecimento entre indivíduos-povos persistem mesmo em tempos de paz, sustentando nessa desilusão a questão de como todas as aquisições éticas dos indivíduos desaparecem e não restam mais do que atitudes anímicas primitivas, arcaicas e brutais.⁵

Freud mantém essa pergunta ao longo de sua obra, enquanto continua trabalhando em torno de como a cultura é um processo onde se joga o melhor que chegamos a ser e uma boa parte daquilo por causa do qual sofremos.

Anos mais tarde, com a ameaça do nazismo, ele insiste que a cultura não se edifica senão sobre a renúncia de poderosas pulsões e adverte (contemporaneamente) como a "negação cultural" não deixa de ter seus perigos se tal renúncia não for compensada dentro da economia pulsional.⁶ Ou seja, a agressão, o ódio, a hostilidade e a violência surgem com mais força quando a cultura não é capaz de compensar essa renúncia, levando os povos a começarem a obedecer mais a suas paixões do que a seus interesses.⁷

Não se trata então daquela dicotomia "civilização ou barbárie"⁸, mas sim, aquilo que constitui o cerne da cultura e ao redor do qual ela é edificada, é aquilo que, acreditando-se superado, ameaça com sua dissolução. As influências às quais deve sua origem o desenvolvimento cultural, aquilo que comandou o curso de sua gênese, não foram senão

⁴ Freud, Sigmund. "De guerra y muerte. Temas de actualidad" - (1915) -Amorrortu Editores - Tomo XIV

⁵ Ibid., Pag 289.

⁶ Freud, Sigmund. "El malestar en la cultura" Amorrortu Editores - Tomo XXI. Pág 96 (1930-1931)

⁷ Freud, Sigmund. "De guerra y muerte. Temas de actualidad" - (1915) -Amorrortu Editores - Tomo XIV

⁸ Referencia al libro de Domingo Sarmiento. Según González Echevarría, "al proponer el diálogo entre la civilización y la barbarie como el conflicto primordial en la cultura latinoamericana, *Facundo* le dio forma a una polémica que comenzó en el periodo colonial y que continúa hasta el presente"

mais do que começos obscuros que ameaçam que o mais horrível e estranho que faz o cerne da cultura, saia à luz. Tensão estrutural, constitutiva, que põe em jogo o próprio progresso da civilização.

Se em 1930⁹ Freud observa que o desenvolvimento da cultura tem ampla semelhança com o do indivíduo e trabalha com os mesmos meios, não podemos deixar de lembrar suas considerações sobre como o ego se constitui a partir da *Ausstossung*; expulsão do desprazer, do não assimilado pelo ego e do mais estrangeiro e íntimo ao mesmo tempo.

O ódio está disponível na alteridade que habita em cada um de nós.

No filme "As Andorinhas de Cabul",¹⁰ situado no verão do Afeganistão, com uma Cabul ocupada pelos talibãs e em ruínas, um casal jovem e alegre, contra o totalitarismo e as regras islâmicas impostas, sonha em poder ensinar em uma escola clandestina que ofereça uma educação diferente da promovida pelos talibãs. Para evitar ter que usar a burca, ela prefere ficar em casa na hora de ir comprar comida. Ele sai, e enquanto caminha pela rua, testemunha a lapidação de uma mulher. Olha atônito a cena e, sem saber muito bem por quê, mas sem poder deixar de fazê-lo, pega uma pedra e a arremessa na mulher condenada, que cai morta no local.

Lembramos o que Lacan nos diz ao finalizar seu seminário em 1964: "A oferta aos deuses escuros, de um objeto de sacrifício é algo a que poucos sujeitos podem não sucumbir, em uma monstruosa captura."¹¹

Fora do cinema e deste lado do mundo as coisas não são tão diferentes. Não é preciso mais do que uma rápida rolagem no ex-twitter, para perceber os efeitos de comunhão, impulso e unicidade que o ódio em relação a um mesmo objeto provoca. Há um saber sobre como persuadir para instigar mais ódio e replicá-lo, com os perigos já conhecidos que isso acarreta.

⁹ Freud, Sigmund. "El malestar en la cultura" Amorrortu Editores - Tomo XXI. e (1930-1931)

¹⁰ Producción y dirección: Zabou Breitman y Éléa Gobbé-Mévellec. Adaptación de la novela *Les Hirondelles de Kaboul* de Yasmina Khadra, publicada en 2002. Agradezco la recomendación a Enrique Tenenbaum.

¹¹ Lacan, Jaques. Seminario libro XI. Clase 24 de junio de 1964. Ediciones Paidós

Sem ir muito longe, há poucos dias e a poucas quadras de onde estamos, três mulheres morreram por uma bomba molotov jogada no quarto do hotel onde viviam, por um homem que as hostilizava por serem lésbicas,¹² o que nos leva a questionar o que está em jogo nesse tipo de acontecimentos. É o desconhecimento do outro na alienação narcisista, o repúdio das pequenas diferenças, ou se trata do repúdio radical do outro, colocado no lugar de resto, o que explicaria de alguma forma, sempre parcial, as crueldades que presenciamos em nosso tempo?

Como nos orientar, se assistimos a uma época sustentada na promoção da imagem, na lógica do número e sua consequente degradação da linguagem? Como pensar dentro de um contexto que não permite ser interrogado além de argumentos onde se odeia, se é odiado ou se é testemunha do ódio? Como sair dessa fixação na qual fica excluída toda possibilidade de leitura?

Agora bem, chegados a este ponto, nos convém diferenciar entre esta forma radical do ódio que ataca e destrói, de outras formas não demolidoras que implicam outro nível de elaboração.

Tomemos a sessão de 20 de fevereiro de 1973 do seminário *Encore*,¹³ onde Lacan aconselha a leitura de "O título da letra". Diz que nunca foi tão bem lido como nesse livro, escrito com as piores intenções por Lacoue-Labarthe e Nancy, destinado a realizar um deciframento e uma estratégia de desconstrução do escrito *A instância da letra*...

A respeito disso, Lacan diz "... nunca vi um único de meus alunos fazer um trabalho semelhante; infelizmente, ninguém nunca levará a sério o que escrevo, com exceção daqueles que antes disse que me odeiam"¹⁴ Entre outras coisas, ele oscila nessa aula entre o amor a quem se supõe saber e a leitura disposta à crítica sustentada na des-suposição do saber.

Como ler?

¹² <https://www.pagina12.com.ar/735993-mujeres-en-la-hoguera-brutal>

¹³ Lacan, Jaques. Seminario libro XX *Encore*. Clase: Dios y el goce de L/a Mujer. 20 de Febrero de 1973. Ediciones Paidós

¹⁴ *Ibid.*, pag. 86

O analisante aprende um modo de ler por meio do amor de transferência. Há um modo de ler que é com amor, que é o modo como o analisante lê os ditos do analista colocados no lugar do ideal. Na análise não vemos mais do que isso, e é por essa via que se opera, que sustenta a transferência mediante a fórmula sujeito suposto ao saber.¹⁵

Agora bem, pode-se ler com ódio? Poderíamos considerar nessa forma de leitura crítica um ódio que supõe a separação do objeto do ideal? Esses autores não fizeram uma leitura propriamente analítica, levando em conta o trabalho de Freud ao definir a análise como esse processo de separação de elementos, de discriminação de unidades parciais que remete à análise em química?

Pode-se ler com ignorância, a qual não deve ser confundida com a ausência de saber. Assim como o amor e o ódio, pode ser como eles uma via pela qual se forma o ser, como paixão do ser. A ignorância, quando está ligada ao saber, é uma forma de estabelecê-lo, é uma forma de torná-lo um saber estabelecido que não admite leitura nem interpretação.¹⁶

Outra via possível é a proposta de Freud: colocar a ciência analítica em xeque na análise de cada caso, sendo esses impasses na teoria os possibilitadores da abertura. Ignorância erudita que não implica a falta de conhecimentos, mas que fica ligada aos limites do saber.

Talvez, uma orientação possível nesses tempos interessantes que nos toca viver¹⁷, será favorecer que, no percurso por uma análise, surja um novo amor que, a partir da assunção da falta em ser, torne admissível a falta no outro e possa alojar a diferença; que o ódio permita realizar uma leitura analítica, em vez de precipitar em compreensões mesquinhas; que a ignorância não obstrua o não-todo saber.

¹⁵ Tenenbaum, Enrique. Seminario “Lo real en psicoanálisis. El espacio tiempo del sujeto” Trilce / Buenos Aires 2024

¹⁶ Lacan, Jaques. Seminario libro XIX Ou Pire. Charlas en Saint Anne. 4 de noviembre de 1971

¹⁷ Maldición china: “Ojalá te toque vivir tiempos interesantes”. Debo la referencia a Enrique Tenenbaum